

Giorgio Agamben

O fogo e o relato

Ensaaios sobre criação,
escrita, arte e livros

Tradução

Andrea Santurbano e Patricia Peterle



© desta edição, Boitempo, 2018
© nottetempo srl, 2014

Todos os direitos reservados
Título original: *Il fuoco e il racconto*

Direção geral
Ivana Jinkings

Edição
Isabella Marcatti

Assistência editorial
Thaís Burani

Tradução
Andrea Santurbano e Patricia Peterle

Preparação
Ivone Benedetti

Revisão
Lucas Torrisi

Coordenação de produção
Livia Campos

Capa
Ronaldo Alves

Diagramação
Antonio Kehl

Equipe de apoio: Allan Jones, Ana Carolina Meira, Ana Yumi Kajiki, André Albert, Artur Renzo, Bibiana Leme, Eduardo Marques, Elaine Ramos, Frederico Indiani, Heleni Andrade, Isabella Barboza, Ivam Oliveira, Kim Doria, Marlene Baptista, Maurício Barbosa, Renato Soares, Thaís Barros, Túlio Candiotto

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A21f

Agamben, Giorgio, 1942-
O fogo e o relato : ensaios sobre criação, escrita, arte e livros /
Giorgio Agamben ; tradução Andrea Santurbano, Patricia Peterle. -
1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2018.

Tradução de: *Il fuoco e il racconto*
ISBN 978-85-7559-626-5

1. Literatura - Filosofia. I. Santurbano, Andrea. II. Peterle, Patricia.
III. Título.

18-48572

CDD: 801

CDU: 82.0

É vedada a reprodução de qualquer parte deste livro sem a expressa autorização da editora.

1ª edição: abril de 2018
1ª reimpressão: julho de 2021

BOITEMPO
Jinkings Editores Associados Ltda.
Rua Pereira Leite, 373
05442-000 São Paulo SP
Tel.: (11) 3875-7250 / 3875-7285
editor@boitempoeditorial.com.br

www.boitempoeditorial.com.br | www.blogdaboitempo.com.br
www.facebook.com/boitempo | www.twitter.com/editoraboitempo
www.youtube.com/tvboitempo | www.instagram.com/boitempo

Sumário

Apresentação – Pensamento e poesia: ética e política, <i>Andrea Santurbano e Patricia Peterle</i>	7
O fogo e o relato	27
<i>Mysterium burocraticum</i>	37
Parábola e Reino.....	45
O que é o ato de criação?.....	59
Vórtices	83
Em nome de quê?.....	89
Páscoa no Egito	99
Sobre a dificuldade de ler.....	105
Do livro à tela. O antes e o depois do livro	111
<i>Opus alchymicum</i>	137
Nota aos textos.....	167

Em nome de quê?

Muitos anos atrás, num país não distante da Europa, em que a situação política era sem esperanças, e as pessoas estavam deprimidas e infelizes, poucos meses antes da revolução que levou à queda do soberano, circulavam fitas cassete em que se ouvia uma voz gritar:

Em nome de Deus clemente e misericordioso! Acordem! Há dez anos o soberano fala de desenvolvimento e, no entanto, faltam à nação gêneros de primeira necessidade. Faz-nos promessas para o futuro, mas as pessoas sabem que as promessas do soberano são palavras vãs. As condições do país, tanto as espirituais quanto as materiais, são desesperadoras. Dirijo-me a vocês, estudantes, operários, camponeses, comerciantes e artesãos, convidando para a luta, para formar um movimento de oposição. O fim do regime está próximo. Acordem! Em nome de Deus clemente e misericordioso!

As pessoas oprimidas e infelizes deram ouvidos a essa voz, e o soberano corrupto foi obrigado a fugir. Em nosso país também

as pessoas estão tristes e infelizes, também aqui a vida política está apagada e sem esperanças. Mas, enquanto aquela voz falava em nome de alguma coisa – em nome de Deus clemente e misericordioso –, em nome de quem ou do quê pode aqui se alçar uma voz para falar? Porque, de fato, não é suficiente que quem fale diga coisas verdadeiras e expresse opiniões comungáveis. Para que sua palavra seja realmente escutada, é necessário falar em nome de algo. Em toda questão, em todo discurso, em toda conversa, a pergunta decisiva é, em última análise: em nome do quê você está falando?

Por séculos, também em nossa cultura as palavras decisivas foram pronunciadas, para o bem e para o mal, em nome de Deus. Na Bíblia, não só Moisés, mas todos os profetas e Jesus mesmo falam em nome de Deus. Nesse nome foram edificadas as catedrais góticas e pintados os afrescos da Capela Sistina, e por amor a esse nome foram escritas a *Divina comédia* e a *Ética* de Espinosa. E, mesmo nos momentos cotidianos de desespero ou alegria, de raiva ou esperança, era em nome de Deus que se proferia ou se escutava a palavra. Mas também é verdade que em nome de Deus foram feitas as Cruzadas e perseguidos os inocentes.

Faz tempo que por aqui os homens pararam de falar em nome de Deus. Os profetas – talvez com razão – não gozam de boa fama, e os que pensam e escrevem não gostariam que suas palavras fossem vistas como proféticas. Até os padres hesitam em invocar o nome de Deus fora da liturgia. Em vez deles falam os especialistas, em nome dos saberes e das técnicas que representam. Mas falar em nome do próprio saber ou da própria competência não é falar em nome de algo. Aquele que fala em nome de um saber ou de uma técnica, por definição não pode falar para além das fronteiras daquele saber e daquela técnica. E, diante da urgência das nossas perguntas e da complexidade da nossa situação, sentimos obscuramente que nenhuma técnica, nenhum saber parcial podem pretender dar-nos resposta. Por isso, mesmo quando somos obrigados a escutá-los, não acreditamos, não podemos acreditar nas razões dos técnicos e dos especialistas. A “economia” e a técnica podem – talvez – substituir a política, mas não nos podem dar o nome, em nome do qual falar. Por isso, podemos nomear as coisas, mas já não podemos falar *no* nome.

Isso também vale para o filósofo, caso pretenda falar em nome de um saber que agora coincide com uma disciplina acadêmica. Se a palavra da filosofia tinha algum sentido, isso ocorreria só porque ela não falava a partir de um saber, mas da consciência

de um não saber, isto é, a partir da suspensão de toda técnica e de todo saber. A filosofia não é um âmbito disciplinar, mas uma intensidade que pode de repente animar qualquer âmbito do conhecimento e da vida, obrigando-o a chocar-se contra seus próprios limites. A filosofia é o estado de exceção declarado em todo saber e em toda disciplina. Esse estado de exceção chama-se: verdade. Mas a verdade não é aquilo em nome do qual falamos, é o conteúdo de nossas palavras; não podemos falar em nome da verdade, só podemos dizer o verdadeiro. Em nome de quê, então, o filósofo pode falar hoje?

Essa pergunta também é válida para o poeta. Em nome de quem ou do quê e para quem ou para o quê pode ele dirigir-se hoje? A possibilidade de um abalo da existência histórica de um povo – já foi dito – parece ter desaparecido. A arte, a filosofia, a poesia, a religião já não são capazes, pelo menos no Ocidente, de assumir a vocação histórica de um povo para instigá-lo a uma nova tarefa – e isso não é necessariamente ruim. Elas foram transformadas em espetáculos culturais e perderam qualquer eficácia histórica. São nomes dos quais se fala, mas não palavras proferidas no nome.

Quaisquer que sejam as razões que nos trouxeram a isto, sabemos que já não podemos falar hoje em nome de Deus. E, como vimos, tampouco em nome da verdade, porque a verdade não é um nome, mas um discurso. E é essa falta de um nome que torna tão difícil a quem teria algo para dizer tomar a palavra. Só os espertalhões e os tolos falam, e estes falam em nome do mercado, da crise, de pseudociências, de siglas, instituições, partidos e ministérios, frequentemente sem ter nada que dizer.

Quem, afinal, encontra coragem de falar, tem a consciência de falar – ou, eventualmente, de calar – em nome de um nome que falta.

Falar – ou calar – em nome de algo que falta significa sentir e colocar uma exigência. Em sua forma pura, exigência é sempre exigência de um nome ausente. E, inversamente, o nome ausente exige que falemos em seu nome.

Diz-se que uma coisa exige outra, quando, havendo a primeira, também haverá a segunda, sem que a primeira a implique logicamente ou a obrigue a existir. O que a exigência exige, de fato, não é a realidade, mas a possibilidade de algo. A possibilidade que se torna objeto de uma exigência é, contudo, mais forte do que qualquer realidade. Por isso, o nome que falta

exige a possibilidade da palavra, mesmo que ninguém se apresente para proferi-la. Mas aquele que no final opta por falar – ou por calar – em nome dessa exigência não precisa de nenhuma outra legitimação para sua palavra ou para seu silêncio.

Segundo os cabalistas, os homens podem falar porque sua língua contém o nome de Deus (“nome de Deus” é uma tautologia, porque no judaísmo Deus é o nome, o *shem ha-mephorash*). A Torá, aliás, nada mais é do que uma combinação das letras do nome de Deus; é feita literalmente dos nomes divinos. Por isso – escreve Scholem –, “o nome de Deus é o nome essencial, que constitui a origem de todas as línguas”.

Se deixarmos de lado as preocupações dos cabalistas, poderemos dizer que falar no nome de Deus significará falar em nome da língua. É precisamente isso, apenas, que define a dignidade do poeta e do filósofo: ambos falam em nome da língua. O que acontece, então, quando, na modernidade, o nome de Deus começa a abandonar a língua dos homens? O que é uma língua da qual desapareceu o nome de Deus? A resposta – decidida e inesperada – de Hölderlin é: a língua da poesia, a língua sem mais nome. “O poeta” – escreve ele – “não precisará de armas / nem de astúcias enquanto a ausência de Deus o ajudar.”

Para o poeta a exigência tinha um nome: povo. O povo, assim como Deus – do qual normalmente é sinônimo –, é, para o poeta, sempre objeto e, a um só tempo, sujeito de uma exigência. Daí o nexos constitutivo entre o poeta e a política, e daí a dificuldade em que se encontra enredada, até certo ponto, a poesia. Porque, embora o povo, justamente por ser objeto de uma exigência, só possa faltar, também é verdade que, no limiar da modernidade, essa falta cresce até se revelar intolerável. A poesia de Hölderlin assinala o ponto em que o poeta, que vivencia como catástrofe a falta do povo – e de Deus –, procura refúgio na filosofia, precisa fazer-se filósofo. Desse modo, ele reverte a falta em “ajuda” (“enquanto a ausência de Deus o ajudar”). A tentativa, contudo, só poderá dar certo se o filósofo também se fizer poeta. Poesia e filosofia podem comunicar-se, de fato, somente na experiência da falta do povo. Se, partindo do termo grego para “povo”, *demós*, chamarmos essa experiência de “ademia”, então ademia será, para o poeta e para o filósofo – ou melhor, para o poeta-filósofo e para o filósofo-poeta –, o nome do nexos indissolúvel que une poesia e filosofia e, a um só tempo, o nome da política em que se vive (a *democracia* em que hoje vivemos é essencialmente *ademia* – é, portanto, uma palavra vazia).

E, se o poeta e o filósofo falam em nome da língua, então deverão falar agora em nome de uma língua sem povo (é o projeto de Canetti e de Celan: escrever numa língua alemã

que não tenha nenhuma relação com o povo alemão, salvar a língua alemã de seu povo).

Não é indiferente o fato de os dois companheiros de Hölderlin – Hegel e Schelling – não terem desejado tornar-se poetas (o que não significa escrever poemas, mas vivenciar a mesma catástrofe que, a partir de certo ponto, estilhou a língua de Hölderlin). A filosofia moderna falhou em sua missão política porque traiu sua missão poética, não quis ou não soube arriscar-se na poesia. Heidegger tentou pagar a dívida que a filosofia havia contraído com Hölderlin, mas não conseguiu ser poeta, teve medo do “acidente ferroviário” que sentia estar ocorrendo em sua língua. Por isso, também para ele faltaram os nomes, por isso, no final, teve de remeter-se a um Deus inominado (“Só um deus nos pode salvar”).

Podemos falar – ou calar – só a partir da consciência de nossa ademia. Mas quem teve de renunciar ao povo – e não podia fazer outra coisa – sabe que perdeu o nome da palavra, sabe que já não pode falar em seu nome. Isto é, sabe – sem remorsos e sem ressentimentos – que a política perdeu o lugar, que as categorias do político desabaram em todos os lugares. Ademia, anomia, anarquia são sinônimos. Mas só tentando nomear o

deserto que cresce na ausência do nome ele reencontrará – talvez – a palavra. Se o nome era o nome da linguagem, ele agora fala numa linguagem sem mais nome. E só quem se calou no nome um longo tempo pode falar no sem-nome, no sem-lei, no sem-povo. Anonimamente, anarquicamente, aprosodicamente. Apenas ele tem acesso à política, à poesia que vem.